

DAQUI A DEZ ANOS

OLIVEIRA

EDGARD PEREIRA DOS REIS

Faculdade de Letras — 4º ano

De início preciso deixar claro que não forcei as coisas, elas aconteceram espontâneamente. De repente senti-me pequeno para as coisas que vivia, para as sensações que experimentava. O que era eu tornou-se insuficiente e deixei de projetar nos outros as qualidades que não tinha: beleza, principalmente a beleza. Uma tarde após terminar o serviço aconteceu de me lembrar de uma casa grande, via um sobrado branco na rua principal de uma cidade do interior e meu quarto que dava para o lado das laranjeiras. Um impulso forte foi me forçando a acreditar que aquela casa, onde nascera e me criara, para ela deveria voltar. Até que na tarde seguinte êle apareceu. Era alto, um belo rapaz e os cabelós longos tombavam pelo pescoço em anéis, as roupas coloridas. Tôdas as tardes êle passaria a me ver e êste tornou-se o melhor momento do dia e o mais terrível também. Chegava sério e sem ruído. Sua presença (ninguém mais o via, apenas eu) me obrigava a enormes sacrifícios: suas reações eram imprevisitas. A primeira vez que caminhamos juntos deixou-me fatigado, porque trabalho o dia inteiro sentado no caminhão e seus passos eram longos, ágeis, mas andava sem ruído. Foi difícil acompanhá-lo. È difícil explicar: eu o percebia e ninguém mais. Se quisesse apalpá-lo, não seria possível, se quisesse ouvir seus passos não seria possível, se quisesse definir

a côr dos seus olhos não seria possível afirmar se eram azuis ou verdes ou castanhos, se era lóuro ou moreno, também não sei. As roupas eu sei, eram coloridas. E os cabelos longos, os ombros largos. Chegou do lado das máquinas de perfuração.

“Tem passagem ali?”

A rua era a São Paulo, esquina de Augusto de Lima, eu trabalhava na construção, enormes máquinas impediam a passagem e caminhões ensurdeciam as pessoas. A cidade não podia parar e eram rápidas as palavras trocadas. A noção mais clara dêle é sôbre a estatura e pequenos detalhes: era alto, os cabelos em anéis, ombros largos. Tinha certeza de que já o vira em algum lugar, por isso perguntei:

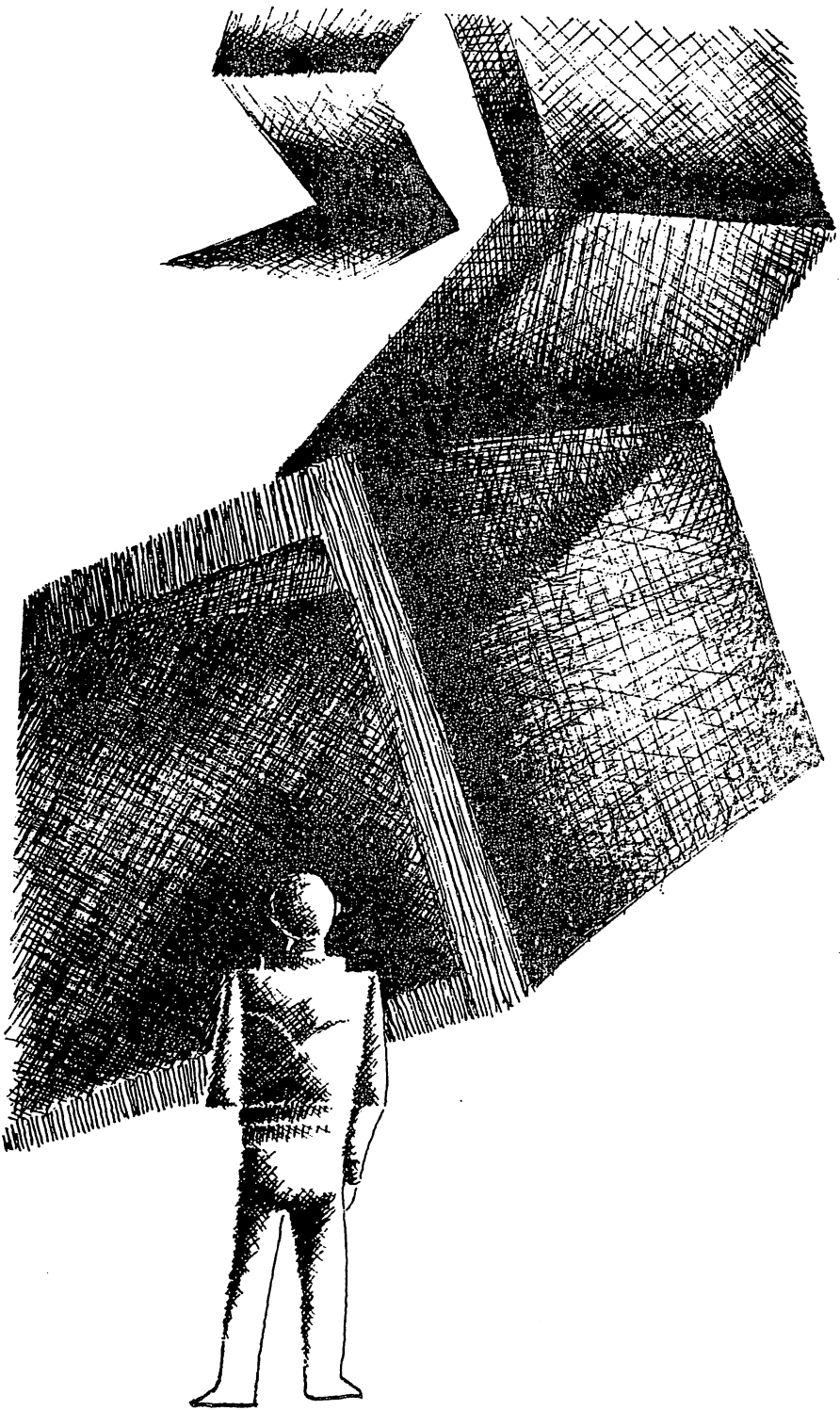
“Você esqueceu?”

“O quê?”

“A placa: a rua está interditada”.

“Ando muito desligado” — foi o que respondeu. Os jovens descobriram um modo de ironizar as coisas, é o que demonstram pelo jeito de olhar, pelo jeito de falar e irradiam essa ironia, às vêzes até pelo vinco da pele. Sua presença da primeira vez foi um estado puramente físico, percebi que seu espírito fugira para longe dali. O barulho dos tratores e a poeira em volta impedindo manter os olhos abertos por muito tempo, mesmo se quisesse ler o cartaz do muro: gente que sabe o que quer fuma minister — não conseguiria. Não sei porque quando forcei a vista já não estava mais nítido, e sim feito sombra à minha frente, como se fôsse a sombra de mim mesmo. Então que perguntei quem era, o que fazia, o que queria.

“Sou um rapaz comum” — respondeu. Devo dizer que isso me soou falso a princípio, porque ser comum para mim era ser chofer de caminhão, e não usar calça lee, colares no pescoço, nem camisetas coladas ao corpo. Depois aceitei o que disse, porque notei que havia traços de camponês no seu rosto,



M. Cristiana

assemelhava-se um pouco ao meu. E disse que ia entregar o caminhão (eram seis horas da tarde) que não demoraria, era só entregar o caminhão e tirar o uniforme (quando trabalho aqui usamos uniforme vermelho). Várias pessoas passam horas inteiras a ver-nos trabalhar, mas ninguém até então dirigira-se diretamente a mim. Claro que devia ser a primeira vez que passava ali e foi natural que me perguntasse. É verdade que não me lembro se de fato alguém me perguntou alguma coisa, ou por causa do cansaço aquilo não passara de visões caducas: êsses tratores, essas máquinas, êsse barulho o dia todo chega a confundir a gente. É natural que não podemos dar atenção a tôdas as pessoas que nos observam trabalhar, mas êsse não foi o caso dêle, porque não observava ninguém, queria passar e achou de perguntar. Quando voltei passei no bar, comprei cigarro e ao abrir o cigarro êle me disse que pensara na sua família, na casa que era grande na rua principal da cidade, um sobrado branco, pensou no seu quarto que era estreito e tinha uma janela que dava para o quintal das laranjas. Na verdade ninguém estava a meu lado, mas fui me acostumando à sua presença invisível e silenciosa. Comecei a pensar que se dera o seguinte: às vêzes não conhecemos o lugar por onde queremos passar e interiormente perguntamos se por ali tem passagem, a gente se concentra nessa pergunta que consegue resposta da gente mesmo. Talvez tenha acontecido isto. Eu fiquei a pensar de modo insistente nisso e consegui visualizar seus olhos alegres, piscando e seus ombros largos.

“Eu não quero que você me veja”, ouvi mais essa resposta, que saíra de dentro, parecendo de outra pessoa. Aconteceu comigo de encontrar outra pessoa que não enxergava mas existia.

Difícilmente chegávamos a um acôrdo. Por exemplo, êle quando falava escondia as mãos e eu não sei conversar sem gesticular. Chegava a se tornar insuportável às vêzes: fazia-me andar muito à noite. Achava-me ridículo, preocupado com o que os outros pensariam ao me ver andar sem rumo

assim, mas aos poucos fui me acostumando. Os colegas de serviço disseram que me tornei diferente, que pareço calado. É que deixei de acompanhá-los no bar para tomar cerveja após o serviço. Falou-me de duas pessoas que amara (também amei duas pessoas), mas nunca as vi, também não perguntei onde moravam. Não consigo lembrar direito sua voz, sei que costumava piscar os olhos de vez em quando.

À noite quando chegava em casa e se fazia silêncio, êle aparecia, então meus sentidos tornavam-se duplos, como se duas pessoas existissem dentro de mim. Comecei a descobrir: nada pior do que ser uma pessoa apenas, ter só uma carteira de identidade, as mesmas reações de sempre, a mesma fisiologia. Alguns pensamentos me fugiam quando estava presente. Às vezes chegamos a pensar as mesmas coisas; ao passar pela cidade olhei pela janela do carro e foi êle quem deu nome ao que eu via: "olha, é a Praça da Liberdade". Era o que eu olhava. E pensava também na liberdade, eu a valorizava muito pouco. Costumava me fazer viajar nas coisas que olhava e isso me deixava pequeno e cada dia mais precisava dêle.

Comecei a me preocupar com seus ombros largos, isso me irritava como se ter ombros largos fôsse um privilégio meu, que sempre trabalhei de motorista, em trabalhos pesados. Seus ombros excessivamente largos e fortes passaram a me inibir na sua presença. No fundo preocupava-me o fato de me esvaziar daquilo que sempre tivera: a serenidade. Esta desaparecia.

Resolvi fazer horas extras todos os dias para que chegasse em casa cansado e não tivesse tempo de pensar, de ficar sozinho: não queria encontrá-lo de novo. Aquilo chegou a me irritar: os dias cercados de poeira, as noites cercadas pelas suas palavras, pelo fluxo de alegria que me invadia. Acontece que temia que estivesse ficando fraco-nervoso, porque trabalhava muito e seria pior me acostumar à sua presença estranha porque ela podia durar pouco. Resolvi ocupar as horas antes do sono a colecionar selos, para que êle não aparecesse. Em vão; na verdade minhas reações eram as de um adoles-

cente. Ao mesmo tempo que precisava dêle, não como se ama outra pessoa, não havia necessidade de tocar seu corpo, tinha mêdo dêle. Era o amor de Narciso, encontrar em mim mesmo ressonâncias afetivas, contemplar a própria imagem, contemplar retrato antigo (aquêle que mostramos satisfeitos "eu era assim quando tinha 15 anos"), sentir alguma coisa parecida com o vislumbre da imagem ideal que fazemos de nós mesmos para o futuro. Eu me antecipava, assim, de certa maneira, alguma coisa como o projeto de meu ser livre no futuro. Porque eu penso que daqui a uns dez anos não vou ter mais que trabalhar tanto, não vou ter que fazer hora extra, poderei andar sem rumo tôda noite. Tenho visto meus colegas se enfraquecendo aos poucos, dois dêles não vejo mais: foram internados.

A princípio pensei em matá-lo. Agora já assumi responsabilidade dêle, não fico mais desapontado quando começo a imaginar coisas futuras através da sua presença que se revela quando estou sòzinho em meu quarto. Lembro a casa grande, o sobrado branco na rua do centro da cidade do interior e meu quarto que dava para o lado das laranjas. Ê um outro ser que existe em mim, êle me antecipa o que vou ser e de certo modo me ajuda a preparar para o que vamos ser os dois daqui a uns dez anos. Com êle estou aprendendo que sou diferente das coisas, como as pedras: as pedras são do mesmo modo sempre, elas existem fora do tempo, o tempo as envolve de fora, ao passo que comigo as coisas não são dadas mas conquistadas, o tempo sai de dentro de mim e só eu posso antecipar o que vou ser daqui a dez anos. Isto não é determinado, o que vou ser daqui a uns dez anos. Ê bom, descobri que não sou coisa, porque a pedra é coisa, mas eu não sou pedra. Sòmente com êle aprendi a pensar nisso, tem mesmo uma palavra que aprendi; quando me interiorizo, consigo "problematizar" os acontecimentos e aos poucos antecipar os acontecimentos daqui a dez anos: vou poder andar à noite sem rumo, tôdas as noites e não vou sentir cansaçô porque então não vou fazer mais horas extras.